

A escritura dissensual em Becos da Memória: escrevivência, memória e luta¹

*Caroline Fogaça²
Martina Viegas³*

Submetido em: 17/10/2023

Aceito em: 18/11/2023

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o ato de escritura, presente na obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017), como uma forma de resistência a uma ordem social subalternizante dentro do contexto em que há escassez de letramento. Deste modo, pretendemos apresentar argumentos que aproximam as teorias de Espinosa, Lotman, Rancière e Derrida - dentre outros importantes autores do campo da Comunicação - com passagens da obra *Becos da Memória*, a fim de ilustrarmos proposições para um novo pensar acerca dos modos de atuação política dissensual, a considerar que transponham contextos socialmente estabelecidos.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Memória; Escritura; Política; Afetos.

The dissensual writing in *Becos da Memória*: lifewriting, memory and struggle

ABSTRACT

This work aims to present the act of writing, present in the work *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo (2017), as a form of resistance to a subalternizing social order within the context in which there is a scarcity of literacy. In this way, we intend to present arguments that bring together the theories of Spinoza, Lotman, Rancière and Derrida - among other important

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, apresentado no 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e publicado nos anais. Ver: FOGAÇA; VIEGAS, 2023.

² Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM), bolsista PROSUP-CAPES integral, pós-graduada em Semiótica Psicanalítica Clínica da Cultura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM) como bolsista Capes Prosup Taxas; mestra em Processos e Manifestações Culturais e pós-graduada em Design de Superfície (ambas titulações conquistadas na FEEVALE-RS).

authors in the field of Communication - with excerpts from *Becos da Memória*, in order to illustrate propositions for a new way of thinking about modes of dissensual politics, considering that they transpose socially established contexts.

KEY-WORDS

Communication; Memory; Scripture; Policy; Affections.

La escritura disensual en *Becos da Memória*: escrevivencia, memoria y lucha

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar el acto de escribir, presente en la obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017), como una forma de resistencia a un orden social subalternizante en un contexto de escasez de alfabetización. De esta manera, pretendemos presentar argumentos que reúnan las teorías de Spinoza, Lotman, Rancière y Derrida - entre otros autores importantes en el campo de la Comunicación - con pasajes de la obra *Becos da Memória*, con el fin de ilustrar propuestas para una nueva manera de pensar los modos de acción política disensual, considerando que transponen contextos socialmente establecidos.

PALABRAS-CLAVE

Comunicación; Memoria; Sagrada Escritura; Política; Afectos.

Introdução

Becos da Memória é um livro escrito por Conceição Evaristo nos anos 80, porém publicado pela primeira vez somente em 2006. Trata-se de um importante romance memorialista da literatura contemporânea brasileira, escrito em formato de narrativa literária. A autora evoca suas memórias, que ela chama de “ficções da memória”, do período em que viveu na favela do Pindura a Saia, em Belo Horizonte (bem como do período de seu processo de desfavelização).

A obra conta a história de um conjunto de pessoas que convivem em uma favela que está passando por um processo de desfavelamento. Dentro deste contexto, é apresentada a perspectiva dos personagens por meio de uma narração por vezes onisciente, por vezes sob algumas perspectivas específicas de alguns desses personagens para os quais o texto confere um maior destaque na narrativa. O contexto de marginalização e dificuldade social e estrutural

permeia constantemente toda a narrativa em abordagens de pautas como a fome, a pobreza, o preconceito, o julgamento, a falta de saneamento básico e a dificuldade de acesso à educação. O que se enquadra dentro do que Luiz Beltrão (1980, p. 39) chama de marginal, como pessoas que estão “à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente”.

A dificuldade de letramento é o ponto sobre o qual este trabalho se debruça, pois tanto dentro da própria narrativa, quanto nos contextos histórico, político e social dos quais a obra se ocupa, o tema é abordado de forma similar ao que autores aqui presentes defendem em suas teorias. Dentre eles, temos nomes como o de Rogério Costa (2016), Roland Barthes (1989), Yuri Lotman (1999), Jacques Rancière (1996) e Jacques Derrida (1973) - autores que observaram questões relacionadas à educação e escrita em seus estudos. Tal relação oferece uma oportunidade de interlocução entre os autores mencionados, propondo um novo modo de articulação teórica entre eles, além de reforçar a importância da obra *Becos da Memória* como modelo literário de resistência social, política e fenômeno folkcomunicação.

A princípio, o artigo apresenta a relação entre o pensamento de Espinosa sob a ótica de Rogério Costa (2016) e suas noções de hábito, afetos e vestígios manifestos pela personagem Maria-Nova. Da mesma forma, tal relação também é aproximada do papel que a literatura tem para Barthes, demonstrado em seu texto *A Aula*⁴ (1989), o qual foi lido pelo autor em aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária, no Colégio de França, em 1977.

Em um segundo momento, tratamos da concatenação de *Becos da Memória* dentro do conceito de semiosfera, trazido por Yuri Lotman (1999). Posteriormente, relacionamos a obra ao que Jacques Rancière (1996) entende por dissenso, haja visto que a obra aborda este tema tanto em sua própria narrativa literária, quanto pelo peso político de sua publicação. Além destes pontos mencionados, são feitas aproximações da obra com o conceito de escritura, de Jacques Derrida (1973). Com isso, é possível identificar como todas estas teorias se inter-

⁴ *A Aula* (1977) é considerado por muitos um dos textos mais intensos e radicais de Barthes, no qual ele vale-se do recurso da ironia para denunciar “a astuciosa pluralidade do poder”, cujo “discurso da arrogância” não apenas não é assumido pelos porta-vozes do Sistema, mas também está inscrito no próprio mecanismo da linguagem.

relacionam e como a escrita, enquanto linguagem e comunicação, pode atuar enquanto resistência política e intercâmbio simbólico entre as semiosferas.

Vestígios em Maria-Nova

É possível considerar a personagem Maria-Nova como a representação da própria autora na narrativa, pelo fato de ser uma das personagens cuja recorrência é mais explorada e destacada. Maria-Nova é uma das poucas personagens que sabe ler e escrever, manifestando seu desejo em usar a escrita para propagar e imortalizar as histórias que escuta atenta, no cotidiano compartilhado com os demais personagens da trama. A leitura de *Becos da Memória* deixa claro o interesse e curiosidade de Maria-Nova pelas histórias das pessoas com as quais convive e, muitas vezes, cujas perspectivas a respeito dos outros personagens são enquadradas pelo seu ponto de vista interpretativo e subjetivo.

Em *Da construção de becos*, prefácio presente a partir da terceira edição da obra, a autora nos informa que o livro nasceu entre os anos de 1987 e 1988, sendo publicado somente vinte anos depois. Este foi o “primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 2017, p.8). A autora (2017) segue explicando que a escrita de *Becos*, talvez de modo inconsciente, já buscava construir uma forma de *escrevivência*. Nesta obra, fatos vividos misturam-se aos trechos possivelmente imaginados pela autora sem que fique exatamente claro o que é lembrança e o que é invenção. A autora explicita sua intenção a respeito disso:

[...] minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da Memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. (EVARISTO, 2017, p.10)

Rogério Costa (2016), em seu texto *A noção de hábito em Espinosa e em Peirce*, explica o conceito de ideia-afecção, ou imagem, como o que não representa especificamente o corpo exterior, mas que aponta para algo deste em direção ao corpo afetado. Tal indicação, deste modo, produz efeito sobre o corpo alvo destes afetos. No caso de Maria-Nova, a ideia-afecção indica a presença de todos os outros corpos e seus respectivos efeitos oriundos dos atravessamentos ocasionados em seu próprio corpo. Cada história ouvida pela menina, deixa traços que produzem variantes em sua existência. Costa (2016, p.222) explica que, para

Espinosa, afecção é “o traço deixado no corpo e o afeto é a variação resultante do traço.” Essa teoria concebe que os corpos exteriores afetam o corpo humano de inúmeras formas, sendo essas afecções, demarcações neste corpo. Tais demarcações são compostas por uma série de traços - que são chamados de vestigia - dos corpos alheios.

Ainda conforme Espinosa (E II, p.16, c2 *apud* Costa 2016, p.232) “as ideias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores”. Ou seja: ao ouvir as histórias – principalmente as que Maria-Nova denomina como “histórias tristes”, a personagem busca armazenar repertório passado a ela através da oralidade, com o objetivo de escrever as histórias com o propósito de imortalizá-las. É possível inferir que tais histórias imortalizadas, um dia, transformar-se-ão no material que virá a compor *Becos da Memória*. Segundo Costa (2016, p.222), a perspectiva de Espinosa inova na concepção de corpo tida até aquele momento pelo entendimento de que “todo corpo é composto por uma infinitude de indivíduos”, o que é identificável nas vivências de outros sujeitos que compõem a história da personagem Maria-Nova, bem como sua produção de subjetividades decorridas de tais vivências. Neste sentido, destacamos um dos muitos exemplos possíveis, encontrados em *Becos*:

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando. (EVARISTO, 2017, p.13)

Ainda em *Da construção de Becos*, a autora afirma que *Becos* foi a sua primeira obra na qual buscou construir o que chama de *escrevivência*. Maria-Nova pode ser uma personagem criada a fim de representá-la, ou não. Duas passagens em específico, ilustram bem o posicionamento da autora em relação a tal suposição:

Nesse sentido, venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da Memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. (EVARISTO, 2017, p.9)

E

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora

com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2017, p.10)

Se pensarmos na *escrevivência* de *Becos*, acreditamos ser possível relacioná-la como uma tentativa de contar os fatos vivenciados em narrativa na qual as lacunas entre um fato e outro possam ser preenchidas por acontecimentos imaginados. A imaginação, segundo Costa (2016, p.222) “não é mais que o resultado dos diversos encontros que se fazem e que a produzem pelo fato do corpo ter essa potência de traçabilidade, de reter traços dos encontros.”

Se pensarmos no próprio significado da palavra “beco” que consta no dicionário, já encontramos mais pistas interessantes para aprofundarmos a análise da obra:

Substantivo masculino; rua estreita e curta, às vezes sem saída, e pouco própria para o trânsito; viela. [Brasil] Pop. Despejar, desocupar ou desinfetar o beco, abrir passagem, desimpedir o local. [Brasil] Fig. Beco sem saída, embaraço impossível de resolver, situação difícil, sinuca: estar num beco sem saída (BECO, 2023).

Devido a restrição espacial que caracteriza o beco, o uso do termo como título da obra permite associar o contexto marginalizado da favela como um local de aglutinação dos corpos que o habitam. O conceito de memória para Espinosa descrito por Costa (2016) tem como característica o caráter associacionista de ideias, entendendo que os corpos expostos a possíveis encontros com outros corpos caminham numa determinada organização e concatenação, atuando pelo mesmo princípio que as ideias, na lembrança. Deste modo, a ordem das ideias é orientada pelos encontros e entrelaçamentos dos traços resultantes desses encontros, o que converge com a relação entre a organização espacial das pessoas e dos fatos na favela à dos acontecimentos na memória.

A memória dos fatos vivenciados pelas pessoas da favela, organiza-se como nos becos: em locais de encontros e atravessamentos onde fatos reais mesclam-se aos imaginados, compondo a narrativa aqui estudada. Os corpos que se tangenciam dão origem a múltiplas traçabilidades possíveis. Afetam e deixam-se afetar, atravessam e permitem cruzamentos que, por sua vez, deixam vestígios – marcas – que sinalizam memórias sobre acontecimentos que tornam possível a ação político-reflexiva ao serem mantidos e passados para a frente.

Semiosfera da favela/senzala

Iuri Lotman (1999), em seu texto *La Semiosfera*, define a noção de semiosfera como um sistema complexo de comunicação e significação presente em todas as esferas da vida humana. Lotman argumenta que a semiosfera é um espaço semiótico que abarca diferentes formas de linguagem, símbolos, códigos e signos, permitindo a criação e compartilhamento de significados. Essa estrutura dinâmica e autônoma engloba tanto as expressões culturais, quanto os sistemas de comunicação individuais e coletivos. A interação entre os elementos da semiosfera é fundamental para a produção de sentido e a construção do mundo simbólico compartilhado por uma comunidade. A semiosfera influencia a percepção, interpretação e representação da realidade, moldando os processos de criação cultural, a transmissão de conhecimento e a formação de identidades coletivas. É um conceito que busca compreender a complexidade e a interconexão dos sistemas simbólicos que constituem a vida social e cultural, revelando a importância da comunicação e da significação na construção da experiência humana. Em suas palavras:

O conceito de semiosfera está ligado a uma certa homogeneidade semiótica e individualidade. [...] Ambos os conceitos pressupõem o caráter delimitado da semiosfera em relação ao espaço extrasemiótico ou alosemiótico que a cerca.⁵ (LOTMAN, 1996, p.12, tradução nossa)

Existe uma passagem em *Becos da Memória*, na qual Maria-Nova identifica em sala de aula uma relação existente entre o contexto da favela e da senzala:

Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2017, p. 51)

⁵ El concepto de semiosfera está ligado a determinada homogeneidad e individualidad semióticas. Estos dos conceptos (homogeneidad e individualidad), como veremos, son difícilmente definibles desde el punto de vista formal y dependen del sistema de descripción, pero eso no anula el carácter real de los mismos ni la facilidad con que se los puede distinguir en el nivel intuitivo. Ambos conceptos presuponen el carácter delimitado de la semiosfera respecto del espacio extrasemiótico o alosemiótico que la rodea.

A semelhança percebida pela personagem entre a senzala e a favela se relaciona também com o fato de que boa parte dos membros que compõem a favela descende de pessoas que um dia fizeram parte de senzalas e estiveram inseridas em contexto de escravidão, como é o caso de Negro Alírio e Tio Totó.

Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele. (EVARISTO, 2017, p.15)

Deste modo, a favela carrega a herança da senzala em sua composição e, portanto, apresenta uma série de elementos que se arrastam pelo tempo e pelas gerações até os dias de hoje. O fato do grupo que vive na favela ser majoritariamente composto por membros de descendência africana, traz à tona situações sociais que reforçam a marginalização: a falta de representatividade, o contexto de escassez de recursos de infraestrutura e saneamento básico, a precariedade no trabalho e a dificuldade de acesso à educação.

Este último aspecto é demonstrado no trecho supracitado na passagem que diz que “há apenas duas alunas negras em sala de aula”, o que provoca em Maria-Nova uma sensação de frustração em decorrência da alienação de sua colega. Esse emblemático exemplo pode servir de sustentação para reflexões a respeito da atenção e suporte oferecidos a estas pessoas, tanto por parte dos membros da favela, quanto por quem está fora (ou acha que está fora) da semiosfera favela.

A dificuldade de letramento e reflexão sobre essas questões nos contextos sociais marginalizados, são fatores que dificultam que as necessidades desses sujeitos sejam percebidas por entidades que tenham competência para contribuir com a solução às carências presentes nesses contextos. A luta e a preocupação geradas pela busca por condições básicas de sobrevivência, dificultam o nascimento de ideias que poderiam contribuir às melhorias de tais condições de vida. O ambiente escolar e acadêmico acabam sendo os principais espaços de estímulo às reflexões desse gênero e, portanto, o letramento acaba sendo uma condição básica e fundamental no combate às injustiças sociais. Neste trecho, o qual traremos novamente mais à frente quando falarmos em dissenso, podemos observar um exemplo do que acabamos de citar. Em *Becos da Memória*:

Não era mais um indefeso menino. Era um homem e, como tal, não poderia calar diante da injustiça. Ia enfrentar seu inimigo benfeitor. Havia muito que ele sabia de tudo, esperava este momento. O próprio inimigo o fizera mais esperto. O próprio inimigo o ensinara a ler. E ele aprendera mais do que lhe fora ensinado. Sabia ler o que estava e o que não estava escrito. Sabia ler cada palmo da terra, cada pé de cana, cada semente de milho. Sabia mais ainda, sabia ler cada rosto de um irmão seu. Sabia também que estava muito perto de a mesa virar... (EVARISTO, 2017, p.118)

“O próprio inimigo o fizera mais esperto. O próprio inimigo o ensinara a ler”. Este exemplo permite a correlação com o conceito de semiosfera, pois comporta sistemas hierarquizados que se inter-relacionam. Conforme aponta Lotman (1996, p.37, tradução nossa), “as esferas textuais fechadas formam um sistema complexo de mundos que se cruzam ou são organizados hierarquicamente, correlacionados sincrônica ou diacronicamente, e ao cruzarem as fronteiras desses mundos, os textos são transformados de forma não trivial⁶”. Tal interdependência e hierarquização não podem deixar de ser associadas ao contexto colonial, sistema onde grande parte dos bens de consumo e das riquezas geradas no país foram fruto da escravidão. Sistema este que, mesmo após a institucionalização da abolição de tal modelo de trabalho, ainda permite a existência de regimes de semiescravidão e condições de ultraprecariedade na produção. O exemplo da personagem Ditinha, que trabalha como empregada doméstica para uma família muito rica, reforça a falta de condições mínimas de infraestrutura na casa em que vivia na favela. Dentre suas dificuldades, constam a ausência de banheiro e de encanamento, além de faltar camas suficientes para todos os membros da família.

A zona de fronteira, por definição, é onde pode ocorrer a passagem de uma semiosfera à outra e a promoção do desenvolvimento semiótico da semiosfera, estimulando os processos semióticos que são mais acelerados na periferia dos ambientes culturais e tendem a se fixar nas estruturas centrais. Segundo Lotman (1996, p.17):

[...] a semiosfera é muitas vezes atravessada por fronteiras internas que especializam seus setores do ponto de vista semiótico. A transmissão de informações através dessas fronteiras, o jogo entre diferentes estruturas e subestruturas, as "irrupções" semióticas orientadas ininterruptas desta ou daquela estrutura em um "território" "alienígena" determinam gerações de significado, o surgimento de novas informações.⁷

⁶ Las esferas textuales cerradas forman un complejo sistema de mundos que se intersecan o que están jerárquicamente organizados, correlacionados sincrónica o diacrónicamente, y al intersecar las fronteras de éstos los textos se transforman de manera nada trivial.

⁷ [...] la semiosfera es atravesada muchas veces por fronteras internas que especializan los sectores de la misma desde el punto de vista semiótico. La transmisión de información a través de esas fronteras, el juego

Desta forma, os diálogos e reflexões podem surgir como proposições de mudanças semiosféricas, porém para que estas possam existir, é importante que todos tenham acesso à educação e às múltiplas possibilidades do sentir e do pensar sobre o que se sente, sobre os afetos e afecções aos quais submetemos e somos submetidos. A partir da ideia de fronteira, é possível associar atividades que fogem do padrão entendido como comum dentro de uma determinada semiosfera e que são comuns em outras. Onde ocorre este cruzamento entre semiosferas, há a permissão para que algo novo e diferente aconteça. A exemplo disso, temos o acesso ao letramento e reflexão político-social, conforme citado anteriormente. Maria-Nova, bem como Negro Alírio, tiveram acesso a estas práticas presentes na semiosfera alheia aos seus contextos originais. Este cruzamento também é perceptível no que a autora chama de *escrevivência*: a lacuna existente entre o fato acontecido e sua narração, o que permite que o espaço em profundidade torne possível o que Lotman (1996, p.10), denomina de “explosão da invenção”.

Escrita como dissenso

Em *O Desentendimento: Política e Filosofia*, de Jacques Rancière (1996), o dissenso é apresentado como um elemento essencial da política democrática. O autor destaca que a política verdadeira não se limita a confrontos entre grupos já existentes, e sim, surge quando há o desafio à ordem estabelecida por parte de indivíduos excluídos e considerados sem voz. O dissenso implica na ruptura das divisões e hierarquias sociais, reivindicando a igualdade política e buscando a visibilidade com participação dos que foram marginalizados. É uma prática política que rompe com o consenso imposto, permitindo que qualquer pessoa se torne sujeito político, independentemente de sua posição social.

No contexto de *Becos da Memória*, é possível identificar o dissenso pelo ato da escrita por uma série de aspectos diferentes, a começar pelas passagens que demonstram o grau de dificuldade de letramento enfrentado pelos personagens, como este exemplo de Tio Totó:

entre diferentes estructuras y subestructuras, las ininterrumpidas «irrupciones» semióticas orientadas de tal o cual estructura en un «territorio» «ajeno», determinan generaciones de sentido, el surgimiento de nueva información. (Tradução nossa)

Antônio João da Silva tinha uma letra bonita e sabia soletrar alguma coisa. Dava trabalho ler. Juntar letra por letra e no final a palavra. Depois juntar palavra por palavra e, no final, debaixo das palavras em ajuntamento, surgia algum pensamento, algum dizer bonito ou alguma bobagem. (EVARISTO, 2017, p.15)

E

Nas andanças de lá para cá, consegui um punhado de almanaque. Li todos, foi o tempo em que eu mais li. Tinha dor na cabeça e nas vistas de tanto ler. Quando acabei a leitura de todos, havia aprendido alguma coisa. Senti que lia melhor. A leitura já não me dava tanto trabalho. Eu já não precisava mais juntar letra por letra, havia palavras que eu lia no primeiro olhar... Um dia li em voz alta para mim mesmo e senti que quase não gaguejava mais. (EVARISTO, 2017, p.36)

No primeiro trecho, temos a demonstração da dificuldade prática do personagem (Tio Totó) em fazer a junção das letras, transformando-as em palavras. Na segunda, o relato das leituras dos almanaques conseguidos em suas andanças e seu sentimento, certo dia, ao perceber que “quase não gaguejava mais”. Em seguida, cita o exemplo de uma passagem de um texto que leu e que dizia que “os sonhos dão para o almoço, para o jantar, nunca” (EVARISTO, 2017, p.36), explicando que, com o tempo, passou a refletir mais profundamente sobre ela. Mais à frente na leitura de *Becos*, temos um trecho no qual Tio Totó relaciona a escrita ao sonho:

– Fiquei embatucado com aquele dizer. Primeiro pensei que era sonho (doce, daquele tão gostoso que sua Tia Maria-Velha faz) e fiquei matutando, matutando... Ora entendia, ora não entendia. [...]
Hoje sei que o escrito fala do sonho. Sonho que é a vontade grande de o melhor acontecer. Sonho que é a gente não acreditar no que vê e inventar para os olhos o que a gente não vê. Eu já tive sonho que podia e não podia ter. Eu tive sonho que dava para minha vida inteira, para todo o meu viver. Hoje descobri a verdade do dizer daquele ditado. Sonho só alimenta até à hora do almoço, na janta, a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço de minha vida, na manhã de minha vida, e hoje, no jantar, eu só tenho a fome, a desesperança... (EVARISTO, p.39)

Aqui, o personagem passa a ouvir como discurso, o que antes era ouvido como ruído; trata-se do início do câmbio social como fruto da ruptura de velhas estruturas hierárquicas de poder; trata-se do letramento e do conhecimento como fatores de autorreflexão a respeito do seu lugar social - sendo estes fatores fundamentais para que exista a possibilidade de pensar tais questões sociais de modo mais atento. O viés libertador oferecido pelo conhecimento, é apresentado por Maria-Nova: o conhecimento liberta, serve como ferramenta de emancipação.

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu Povo. (EVARISTO, 2017, p.118)

Sobre este trecho, é possível estabelecer uma conexão entre o estudo e acesso à educação e novas oportunidades para corpos ocuparem outros lugares e dedicarem-se a outras tarefas. Este acesso tende a ser oferecido para outras situações dispostas em outros contextos distantes ao da favela. O mesmo ocorre na passagem textual que mostra a visão de Negro Alírio a respeito do conhecimento das leis que aprendera com seus colegas de trabalho, no cais:

Trabalhava no porto, carregando e descarregando navios. [...] Os homens, os companheiros de cais, sabiam tudo de sindicato, de leis, direitos e deveres. Eram rudes e sábios. Eram fortes e não recuavam. Tinham consciência de suas forças. Conseguiram incomodar, quando faziam greve, o Brasil inteiro. Só que sofriam represálias depois das greves. Às vezes, um ou dois meses após, eram mandados embora um por um dos líderes, aqueles que mais sobressaíam. (EVARISTO, 2017, p.66)

A visão do personagem demonstra uma certa discrepância em relação aos direitos e ao acesso ao saber, o qual permeia as diferentes classes sociais. As represálias sofridas por quem se impunha e reivindicava seus direitos, coloca em evidência as posições sociais que devem ser ocupadas por aquelas pessoas. Temos, desta forma, uma possibilidade de diálogo com o conceito de Rancière sobre polícia. Segundo o autor:

A polícia é assim, antes de mais nada, uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído. (RANCIÈRE, 1996, p.42)

Assim, a polícia age delimitando esses espaços permitidos a cada sujeito, sendo que tal prática só é possível por meio da linguagem. Segundo Barthes (1989), no que diz respeito à língua, servidão e poder se confundem. É quando a língua é atribuída à liberdade, não apenas à capacidade de escapar do poder, mas também, e principalmente, a de não subjugar ninguém. Ou seja: não é possível existir liberdade se não fora do domínio da linguagem. Para o autor, a linguagem humana é intrinsecamente limitada, não possui um espaço externo, é um lugar fechado. E é possível identificar o que Rancière chama de dissenso, em Barthes (1989, p.15), quando o autor (1989) fala de uma “trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que

permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem”, que ele chama de literatura.

Um outro estudioso da linguagem, é Jacques Derrida (1973). Derrida (1973), em sua obra *Gramatologia*, apresenta uma abordagem ampla e complexa da noção de escritura. Ele vai além da visão convencional que reduz a escritura à mera representação da fala escrita, e argumenta que ela permeia todas as formas de linguagem e comunicação. O autor (1973) critica a tradição filosófica que valoriza a fala como uma forma de comunicação autêntica, considerando a escritura como secundária. Em contrapartida, ele propõe uma valorização da escritura como uma força produtiva e descentralizadora, que revela a natureza instável e contingente da linguagem. Dessa forma a escritura, para Derrida, desafia a ideia de uma origem fixa da significação, expondo a existência de múltiplas interpretações e possibilidades de sentido, subvertendo a distinção entre fala e escrita.

O conceito de escritura não está restrito apenas à representação textual, pois tal conceito implica em uma reflexão mais profunda sobre a relação entre presença e ausência, sendo possível questionar as noções tradicionais de linguagem e significado. A escritura revela-se como um elemento que desconstrói as suposições de estabilidade e univocidade da linguagem, evidenciando sua natureza fluida e sujeita a múltiplas interpretações. Dessa forma, a escritura, segundo Derrida, transcende as fronteiras entre fala e escrita⁸, abrindo espaço para uma análise crítica que desafia as hierarquias tradicionais e revela as complexidades inerentes à produção e interpretação dos discursos.

No capítulo *A Violência da Letra: De Lévi-Strauss a Rousseau*, Derrida (1973) critica tanto Claude Lévi-Strauss quanto Jean-Jacques Rousseau por suas abordagens em relação à escrita. Argumenta que Lévi-Strauss subestima a importância da escrita ao considerá-la apenas como uma forma de representação da fala, negligenciando seu potencial transformador e suas complexidades próprias. Ele critica a visão estruturalista de Lévi-Strauss, que coloca a fala como uma forma de comunicação primária e autêntica, desvalorizando a escrita. No entanto, de modo até contraditório em alguns momentos, Strauss reforça o peso que o registro escrito possui em detrimento do relato oral. Em *Tristes Trópicos* (1957, p. 28), Lévi-Strauss chama de

⁸ Vale chamar a atenção do leitor a diferença entre escritura e escrita. Escritura é o que acabou de ser descrito e escrita o registro textual.

“grande fortuna” seus estudos registrados pela escrita, reforçando o valor dessa prática. Em suas palavras:

Se até então, em comparação com os meus companheiros, eu havia sido favorecido, nem por isso me sentia menos preocupado com um problema que devo evocar aqui, pois a própria redação deste livro dependia da sua solução que, como se verá, não foi nada fácil. Eu transportava, como única fortuna, uma mala cheia dos meus documentos de expedição: fichas linguísticas e tecnológicas, diário de viagem, notas escritas nos locais, mapas, planos e negativos fotográficos, milhares de folhas, de fichas e de chapas.

Se a passagem “o próprio inimigo o fizera mais esperto” for analisada de modo mais criterioso, pode ser relacionada enquanto exemplo ilustrado do Paradoxo da Tolerância⁹. O letramento é munição e a escrita é a arma de uma revolução silenciosa que movimenta as semiosferas marginalizadas de modo a deslocar os sujeitos cada vez mais às suas bordas. Podemos entender que, muitas vezes, a mesma escrita que liberta a alguns, explora e aprisiona a outros. Retornando nossa atenção a *Becos*, a própria ausência de sobrenomes dos personagens na obra, já configura a obliteração do nome próprio. Para Derrida (1973, p.157):

Ela [a escritura] também abrange o campo da fala não-escrita. Isso quer dizer que, se é preciso ligar a violência à escritura, a escritura aparece bem antes da escritura no sentido estrito: já a diferença ou na arquescritura que abre a própria fala.

Por outro lado, Derrida (1973) critica Rousseau por sua concepção idealizada da oralidade como pura e natural, contrastando-a com uma visão negativa da escrita. Derrida (1973) argumenta que essa oposição entre oralidade e escrita, é problemática, pois a escrita não é simplesmente uma representação inferior da fala, e sim, uma força autônoma que desempenha um papel ativo na constituição do pensamento e da linguagem.

No geral, Derrida critica tanto Lévi-Strauss quanto Rousseau por negligenciar a importância e a complexidade da escrita, seja ao reduzi-la a uma mera representação da fala ou ao idealizar a oralidade em detrimento dela. Ele busca desestabilizar essa oposição binária entre oralidade e escrita, argumentando que a escrita possui seu próprio potencial e contribui para a produção de sentido de maneiras únicas e significativas.

⁹ Paradoxo da tolerância: o filósofo austríaco Karl Popper questionou até que ponto a sociedade deve ser tolerante com os intolerantes, pois essa tolerância pode ser usada para acabar com a própria tolerância e o direito à liberdade de expressão.

A este respeito, *Becos da Memória* propõe outra reflexão: apesar da escrita tomar maior destaque na obra, o que a constitui são justamente os relatos orais que dão origem ao interesse de Maria-Nova pelo ato de escrita da história da sua gente. Vale salientar que os relatos orais que compuseram a obra de Evaristo (2017) só alcançaram a proporção que têm hoje, devido à publicação e repercussão da obra fora do seu contexto restrito, fora da sua própria semiosfera. Tanto a oralidade, quanto a escrita, tiveram papel crucial para que a obra pudesse transcender sua semiosfera de origem.

A obra permite, desta forma, relacionar os conceitos apresentados à folkcomunicação: ao narrar a vida nas favelas e dar visibilidade às vozes marginalizadas, Evaristo desafia as normas sociais e políticas, caracterizando sua obra como um ato de dissenso contra as estruturas de poder vigentes.

Simultaneamente, a valorização das tradições orais, expressões culturais populares e a ênfase nas experiências cotidianas nas favelas, reforçam a conexão com a folkcomunicação. A obra representa, assim, uma expressão literária que incorpora elementos de dissenso ao desafiar as normas e, ao mesmo tempo, se alinha com a folkcomunicação ao dar voz e representação às experiências populares frequentemente negligenciadas e subestimadas, contribuindo para uma nova, complexa e significativa narrativa.

Considerações finais

É possível perceber que *Becos da Memória* é um texto que explora a metalinguagem e as transições de contextos tanto em sua narrativa, quanto em seu papel social. As transições de semiosferas estão presentes em toda a reflexão deste trabalho, permitindo que a obra seja interpretada como fronteira, pelo fato de permitir a interconexão de sistemas simbólicos que culminam na inovação. Invenção esta que, dando visibilidade à fala e à escrita desses sujeitos moradores da favela, auxilia a compor o que Derrida chama de escritura. A escrita é dissensual dentro da favela, assim como o negro no contexto acadêmico: são elementos que habitam as bordas das semiosferas por entre as quais transitam e geram a inovação mencionada por Lotman. Essas grandes-pequenas-revoluções-diárias, fazem os campos cultural e social tão efervescentes e necessários enquanto estudos de proposição de novos diálogos e reflexões plurais.

A dificuldade de publicação da obra – que só ocorreu 20 anos após sua concepção – pode ser considerada mais um exemplo da difícil questão do acesso ao letramento e à dificuldade da viabilidade de ocupação dessas pessoas em contextos de maior visibilidade e prestígio social. No posfácio do livro, Simone Schmidt (2017, p.124) dá destaque a este ponto:

O romance de Conceição Evaristo, *Becos da Memória*, escrito nos anos 1980, foi publicado pela primeira vez apenas em 2006. Este significativo intervalo entre o momento de sua escritura e o de sua publicação é por si só revelador das imensas dificuldades que enfrentam, em geral, aqueles que, vindos de lugares distantes dos centros – sejam eles geográficos, sociais, econômicos –, lutam para transpor essas barreiras.

Apesar de ser incomum colocar esse tipo de informação nas considerações finais de um texto como este, é importante considerar que Conceição Evaristo é linguista, escritora de poesia, romance, contos e ensaios. Nascida em Belo Horizonte, em 1946, de ascendência angolana, beninense, nigeriana, serra-leonina, ugandense, sul-africana, norte-africana e indígena. Enquanto estudava, trabalhava como empregada doméstica. Estudou Letras na UFRJ, fez mestrado na PUC-Rio e foi professora na UFF no período compreendido entre 1999 e 2011. Conceição Evaristo faz parte da Academia Brasileira de Letras desde 2018, ocupando a cadeira de Castro Alves e já teve obras publicadas no exterior. Conceição Evaristo, ou Maria-Nova, é a representação de tantas mulheres e pessoas pretas que navegam por reconhecimento semiosferas adentro, desejando tangenciar as bordas das mudanças sociais que já avistam, ao longe. Tais fatos sobre a autora, revelam sua colocação dissensual nesses contextos nos quais a presença de pessoas que possuem origens comuns às dela, é praticamente nula. Podendo ser enquadrada como uma líder-comunicadora folk (haja visto que a folkcomunicação, em sua essência, trata das formas de comunicação que surgem organicamente nas comunidades, muitas vezes às margens dos meios de comunicação de massa), Evaristo e sua ascensão na literatura são um fenômeno comunicacional originado de experiências populares que desafia normas estabelecidas e contribui para a construção de narrativas autênticas e significativas.

Presenças como esta, quando vistas e ouvidas, promovem não somente reflexão às questões presentes em esferas marginalizadas da sociedade, como também promovem mudanças significativas rumo às conquistas de mais direitos, exigência por respeito, equidade, dignidade e melhores condições de vida aos membros da semiosfera *Senzala-Favela* que desejam ocupar outros espaços e romper com os ciclos de escassez de oportunidades. *Becos da*

Memória traz holofotes que iluminam realidades duras, embora poéticas: as vielas dos saberes e partilhas ignoradas por membros alheios à semiosfera Senzala-Favela, estão agora iluminadas e é possível inferir que isto constitui o esplendor revolucionário do qual se refere Barthes (1989).

Referências

BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BECO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/beco>. Acesso em: 13/05/2023.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CLEMENTE, Sabrina Cancoro Generali. GELAIN, Gabriela Cleveston. HORNHARDT, Nathalie de Almeida. Mulheres, negras e (in)visíveis: uma análise da escrivivência em Becos da Memória. **Revista Rastros**, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43309852/Mulheres_negras_e_in_vis%C3%ADveis_uma_an%C3%A1lise_da_escriviv%C3%Aancia_em_Becos_da_Mem%C3%B3ria_Revista_Rastros_2020_. Acesso em: 13/05/2023.

COSTA, Rogério. **A noção de hábito em Espinosa e em Peirce**. Cognitio, São Paulo, v.17,n.2,p.221236,jul./dez.2016

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FOGAÇA, Caroline; VIEGAS, Martina. A escritura dissensual em Becos da Memória: escrivivência, memória e luta. In: **Anais [...]**. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PUCMinas, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0815202319153764dbf909addad.pdf. Acesso em: 12/10/2023.

LÉVI-STRAUSS. Lição de Escrita. In: **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1981

LOTMAN, Iúri. **La semiosfera** vol.1. Madrid: Cátedra, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

SCHMIDT, Simone P. Posfácio: A força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.